

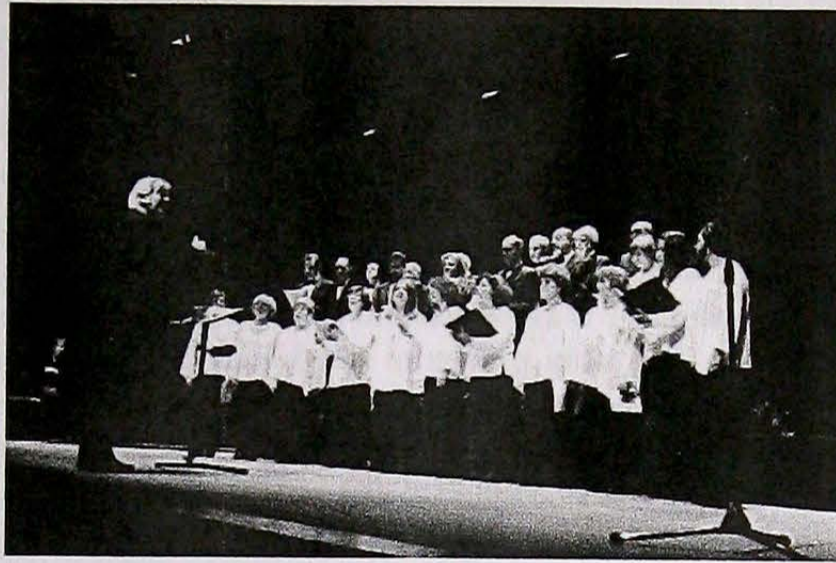
# AUDITÓRIO MUNICIPAL DO SEIXAL

10 de Dezembro de 2006, Domingo, 17.00 horas

Comemorações do Centenário do Nascimento de Fernando Lopes-Graça

## *CORO LOPES-GRAÇA*

Direcção: José Robert



### - Programa -

*Seis cantos tradicionais portugueses de alvíssaras, romaria, romances*

**F. Lopes Graça**

1. *Já os passarinhos cantam* - Beira Baixa
2. *Ó Senhora do Amparo* - Beira Baixa
3. *A Senhora d'Aires* - Alentejo
4. *Oração de Santo António* - Algarve
5. *Romance da Andorinha Gloriosa* - Beira Baixa
6. *Senhora Santa Catr'ina* - Beira Baixa

*Seis cantos tradicionais portugueses da Natividade, Janeiras e Reis*

**F. Lopes-Graça**

1. *Do verão nasceu a vara*
2. *Nasceu, já nasceu*
3. *Os pastores em Belém*
4. *Hoje é dia de Janeiro*
5. *Partidos são de Oriente*
6. *Deus lhe dê cá boas noites*

- intervalo -

*Seis canções regionais portuguesas*

**F. Lopes-Graça**

1. *Canção da vindima* - Beira Baixa
2. *Aproveitai a azeitona* - Beira Baixa
3. *Olh'a laranja* - Alentejo
4. *Ó meu paninho* - Alentejo
5. *Os homens que vão p'ra guerra* - Douro Litoral
6. *Maria da Conceição* - Beira Baixa

*Três esconjuros – Textos tradicionais*

**F. Lopes-Graça**

1. *Contra os maus encontros*
2. *Contra os maridos transviados*
3. *Contra as trovoadas*

*Três canções heróicas*

**F. Lopes Graça**

1. *Canto do livre* - Soares de Passos
2. *Mãe pobre* - Carlos de Oliveira
3. *Acordai!* - José Gomes Ferreira

**CORO LOPES-GRAÇA DA ACADEMIA DE AMADORES DE MUSICA** Fundado em 1945 por Fernando Lopes-Graça, o Coro esteve inicialmente ligado ao Movimento de Unidade Democrática, tendo tido a sua estreia pública no Teatro Taborda aquando da apresentação do MUD à população de Lisboa. Em 1950 foi incorporado na Academia de Amadores de Musica, tendo dois anos depois – 1952 – adoptado o nome de Coro da Academia de Amadores de Musica. O Coro foi dirigido pelo seu fundador até 1988, passando nessa altura a contar com a direcção de José Robert, até então e desde 1974, maestro-adjunto de Fernando Lopes-Graça.

As “Canções Heróicas” constituíram, de início, o repertório do Coro. A breve trecho, porém, foi a sua apresentação pública interdita pela Polícia Política e pela Censura sem que, no entanto, estas lograssem consegui-lo em convívios privados, que muitas vezes tinham lugar após os concertos em Colectividades Recreativas Populares ou em Associações Estudantis, bem como no exílio e nas prisões do regime de então onde, de facto, nunca deixaram de ser entoadas.

Frequentemente a actuação do Coro era acompanhada de uma parte dedicada à declamação de poesia, primeiro por Maria Barroso, mais tarde por Manuela Porto que, a dada altura, criou um grupo de amadores que representava textos de Gil Vicente, Tchekov, Pirandello e outros. Juntava-se a música, a poesia e o teatro como Federico Garcia Lorca havia feito com A BARRACA.

Na impossibilidade de publicamente fazer ouvir as “Canções Heróicas” logo em 1946, surgem como resposta os cantos tradicionais do povo português harmonizados por Lopes-Graça que a este respeito escreveu: “A história das “Canções Regionais Portuguesas” pode, em certa medida, considerar-se solidária da história das “Canções Heróicas”. É o caso que, quando em 1946 foram apreendidas, para que o agrupamento coral já então formado e actuante pudesse prosseguir o seu voluntário apostolado cívico, de par com uma prestante assistência de ordem cultural junto das colectividades populares que constantemente solicitavam a sua cooperação, necessário era, de toda a evidência, mudar de tática.

Mudar de tática significava que arranjasse um repertório de cantos que promanasse de uma realidade colectiva, de algo em que o povo se reconhecesse e mediante o qual se exaltasse nos sentimentos e nas suas aspirações a um viver pátrio íntegro e limpo de aviltações. Essa realidade colectiva, essa matéria identificadora, era, entendemos nós que era, a canção tradicional portuguesa, oferecida, não na sua natureza de puro documento folclórico – o que seria uma solução simplista e de menor operância pedagógica pois que também estava na nossa mente uma accção educadora –, mas sim transformada e aprofundada na sua significação e na sua essência estética e social. E assim nasceram as versões corais das canções regionais portuguesas que, durante cerca de trinta anos, constituíram o forçado mas não menos actuante sucedâneo das quase à nascença assassinadas “canções heróicas”, no seu confluyente propósito de servirem a grei portuguesa, para sua exaltação e ilustração”.

O Coro tem actuado de norte a sul de Portugal continental. Em Dezembro de 1974 deslocou-se a Paris para participar na I Semana do Emigrante, em Abril de 1979 foi a Luanda para as comemorações do 25 de Abril, em Abril de 1998 a Bruxelas para um concerto no Parlamento Europeu e em Junho de 2003 aos Açores – St<sup>a</sup>. Cruz da Graciosa, a convite da Academia Musical local.

Tem constituído o repertório do Coro, durante os 59 anos da sua existência e as mais de 700 vezes em que se apresentou em público (dados coligidos apenas a partir da época de 1955/56), perto de 240 canções, da autoria de Lopes-Graça ou por si harmonizadas, metade das quais (120) foram registadas em 14 discos. Cerca de 400 coralistas passaram já pelo Coro.

Fernando Lopes-Graça faleceu em 27 de Novembro de 1994 e, por decisão unânime da Assembleia Geral da Academia de Amadores de Música reunida em 14 de Dezembro do mesmo ano, o coro passou a designar-se “Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Musica”.

**JOSÉ ROBERT** Desde muito cedo a actividade musical de José Robert incidiu no estudo e prática da música coral, pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, fez parte activa e regular de vários agrupamentos corais, infantis e juvenis, com especial incidência na polifonia. Após ter concluído o Curso de Canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o Dr. Manuel Luis, praticou Direcção Coral e Música de Câmara com Viçoso Freire, dirigindo a Schola Cantorum do Seminário Maior Patriarcal dos Olivais durante vários anos. Foi co-fundador do Coro da Fundação Gulbenkian, onde permaneceu cerca de oito anos. Posteriormente, depois de dirigir o Orfeão Scalabitano, hoje Coro do Círculo Cultural Scalabitano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidellius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também, desde 1974 como adjunto de Fernando Lopes-Graça, e a partir de 1988 como titular, o Coro da Academia de Amadores de Música, presentemente designado Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música.

Frequentou diversos cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral no País e no Estrangeiro. Nomeadamente trabalhou com Pierre Kaelin, Heinz Henning, Amaudaf, da Bulgária, Herbert Joris e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para Directores de Coros Místos, sob a orientação de Gertrichmuth, de Leipzig.

Desde 1979, e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de directores corais, orientando, a convite da Secretaria de Estado da Cultura e de outros organismos oficiais e particulares, como a Escola Superior de Música de Lisboa e Academias de Música, diversos cursos e workshops de direcção coral em várias zonas do país. Com alguma frequência tem sido convidado para membro de Júri de diversos concursos de composição coral e, também, para a direcção de ateliers corais em workshops especializados.

Diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte, do Conservatório Nacional de Lisboa, é, desde 1981, o Director Artístico do Coro da Universidade de Lisboa. Desde Outubro de 1991 desempenha o cargo de professor de Direcção Coral na Academia de Amadores de Música de Lisboa e, a partir de Março de 1997, data da sua fundação, dirige o Coro de Câmara da Universidade de Lisboa.

## PROGRAMA

### Seis cantos tradicionais portugueses da Natividade, Janeiras e Reis -

#### F. Lopes-Graça

1. Do verão nasceu a vara
2. Nasceu, já nasceu
3. Os pastores em Belém
4. Hoje é dia de Janeiro
5. Partidos são de Oriente
6. Deus lhe dê cá boas noites

### Seis cantos tradicionais portugueses de alvíssaras, romaria e romances – F.Lopes Graça

1. Já os passarinhos cantam - Beira  
Baixa
2. Ó Senhora do Amparo - Beira  
Baixa
3. A Senhora d'Aires - Alentejo
4. Oração de Santo António - Algarve
5. Romance da Andorinha Gloriosa - Beira  
Baixa
6. Senhora Santa Catr'ina - Beira  
Baixa

Direcção José Robert

ORGANIZAÇÃO. ARPENA 2006

*Igreja da Pena - 8.12.06*



## CORO LOPES-GRAÇA

### DA ACADEMIA DE AMADORES DE MUSICA

Fundado em 1945 por Fernando Lopes-Graça, o Coro esteve inicialmente ligado ao Movimento de Unidade Democrática, tendo tido a sua estreia pública no Teatro Tabor da aquando da apresentação do MUD à população de Lisboa.

Em 1950 foi incorporado na Academia de Amadores de Musica, tendo dois anos depois – 1952 - adoptado o nome de Coro da Academia de Amadores de Musica.

O Coro foi dirigido pelo seu fundador até 1988, passando nessa altura a contar com a direcção de José Robert, até então e desde 1974, maestro-adjunto de Fernando Lopes-Graça. .

As “Canções Heróicas” constituíram, de início, o repertório do Coro. A breve trecho, porém, foi a sua apresentação pública interdita pela Polícia Política e pela Censura sem que, no entanto, estas lograssem consegui-lo em convívios privados, que muitas vezes tinham lugar após os concertos em Colectividades Recreativas Populares ou em Associações Estudantis, bem como no exílio e nas prisões do regime de então onde, de facto, nunca deixaram de ser entoadas.

Frequentemente a actuação do Coro era acompanhada de uma parte dedicada à declamação de poesia, primeiro por Maria Barroso, mais tarde por Manuela Porto que, a dada altura, criou um grupo de amadores que representava textos de Gil Vicente, Tchekov, Pirandello e outros. Juntava-se a música, a poesia e o teatro como Federico Garcia Lorca havia feito com A BARRACA.

Na impossibilidade de publicamente fazer ouvir as "Canções Heróicas" logo em 1946, surgem como resposta os cantos tradicionais do povo português harmonizados por Lopes-Graça que a este respeito escreveu:

" A história das "Canções Regionais Portuguesas" pode, em certa medida, considerar-se solidária da história das "Canções Heróicas". É o caso que, quando em 1946 foram apreendidas, para que o agrupamento coral já então formado e actuante pudesse prosseguir o seu voluntário apostolado cívico, de par com uma prestante assistência de ordem cultural junto das colectividades populares que constantemente solicitavam a sua cooperação, necessário era, de toda a evidência, mudar de tática.

Mudar de tática significava que arranjasse um reportório de cantos que promanasse de uma realidade colectiva, de algo em que o povo se reconhecesse e mediante o qual se exaltasse nos sentimentos e nas suas aspirações a um viver pátrio íntegro e limpo de aviltações. Essa realidade colectiva, essa matéria identificadora, era, entendemos nós que era, a canção tradicional portuguesa, oferecida, não na sua natureza de puro documento folclórico – o que seria uma solução simplista e de menor operância pedagógica pois que também estava na nossa mente uma acção educadora -, mas sim transformada e aprofundada na sua significação e na sua essência estética e social. E assim nasceram as versões corais das canções regionais portuguesas que, durante cerca de trinta anos, constituíram o forçado mas não menos actuante sucedâneo das quase à nascença assassinadas "canções heróicas", no seu confluyente propósito de servirem a grei portuguesa, para sua exaltação e ilustração".

O Coro tem actuado de norte a sul de Portugal continental. Em Dezembro de 1974 deslocou-se a Paris para participar na I Semana do Emigrante, em Abril de 1979 foi a Luanda para as comemorações do 25 de Abril, em Abril de 1998 a Bruxelas para um concerto no Parlamento Europeu, em Junho de 2003 aos Açores – St<sup>a</sup>. Cruz da Graciosa, a convite da Academia Musical local em Junho de 2006 novamente a Bruxelas para um concerto no Parlamento Europeu e a Paris, para um concerto no Institute Universitaire de Bobigny..

Tem constituído o reportório do Coro, durante os 61 anos da sua existência e as mais de 700 vezes em que se apresentou em público (dados coligidos apenas a partir da época de 1955/56), perto de 240 canções, da autoria de Lopes-Graça ou por si harmonizadas, metade das quais (120) foram registadas em 14 discos.

Cerca de 400 coralistas passaram já pelo Coro.

Fernando Lopes-Graça faleceu em 27 de Novembro de 1994 e, por decisão unânime da Assembleia Geral da Academia de Amadores de Música reunida em 14 de Dezembro do mesmo ano, o coro passou a designar-se "Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Musica".

## MAESTRO JOSÉ ROBERT

Desde muito cedo a actividade musical de José Robert incidiu no estudo e prática da música coral, pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, fez parte activa e regular de vários agrupamentos corais, infantis e juvenis, com especial incidência na polifonia.

Após ter concluído o Curso de Canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o Dr. Manuel Luis, praticou Direcção Coral e Música de Câmara com Viçoso Freire, dirigindo a Schola Cantorum do Seminário Maior Patriarcal dos Olivais durante vários anos.

Foi co-fundador do Coro da Fundação Gulbenkian, onde permaneceu cerca de oito anos. Posteriormente, depois de dirigir o Orfeão Scalabitano, hoje Coro do Círculo Cultural Scalabitano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidellius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também, desde 1974 como adjunto de Fernando Lopes-Graça, e a partir de 1988 como titular, o Coro da Academia de Amadores de Música, presentemente designado Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música.

Frequentou diversos cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral no País e no Estrangeiro. Nomeadamente trabalhou com Pierre Kaelin, Heinz Henning, Arnaudaf, da Bulgária, Herbert Joris e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para Directores de Coros Mistos, sob a orientação de Gertrichmuth, de Leipzig.

Desde 1979, e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de directores corais, orientando, a convite da Secretaria de Estado da Cultura e de outros organismos oficiais e particulares, como a Escola Superior de Música de Lisboa e Academias de Música, diversos cursos e workshops de direcção coral em várias zonas do país. Com alguma frequência tem sido convidado para membro de Júri de diversos concursos de composição coral e, também, para a direcção de ateliers corais em workshops especializados. Diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte, do Conservatório Nacional de Lisboa, é, desde 1981, o Director Artístico do Coro da Universidade de Lisboa. Desde Outubro de 1991 desempenha o cargo de professor de Direcção Coral na Academia de Amadores de Música de Lisboa e, a partir de Março de 1997, data da sua fundação, dirige o Coro de Câmara da Universidade de Lisboa.

Na impossibilidade de públicamente fazer ouvir as “Canções Heróicas” logo em 1946, surgem como resposta os cantos tradicionais do povo português harmonizados por Lopes-Graça que a este respeito escreveu:

“ A história das “Canções Regionais Portuguesas” pode, em certa medida, considerar-se solidária da história das “Canções Heróicas”. É o caso que, quando em 1946 foram apreendidas, para que o agrupamento coral já então formado e actuante pudesse prosseguir o seu voluntário apostolado cívico, de par com uma prestante assistência de ordem cultural junto das colectividades populares que constantemente solicitavam a sua cooperação, necessário era, de toda a evidência, mudar de tática.

Mudar de tática significava que arranjasse um repertório de cantos que promanasse de uma realidade colectiva, de algo em que o povo se reconhecesse e mediante o qual se exaltasse nos sentimentos e nas suas aspirações a um viver pátrio íntegro e limpo de aviltações. Essa realidade colectiva, essa matéria identificadora, era, entendemos nós que era, a canção tradicional portuguesa, oferecida, não na sua natureza de puro documento folclórico – o que seria uma solução simplista e de menor operância pedagógica pois que também estava na nossa mente uma accção educadora -, mas sim transformada e aprofundada na sua significação e na sua essência estética e social. E assim nasceram as versões corais das canções regionais portuguesas que, durante cerca de trinta anos, constituíram o forçado mas não menos actuante sucedâneo das quase à nascença assassinadas “canções heróicas”, no seu confluente propósito de servirem a grei portuguesa, para sua exaltação e ilustração”.

O Coro tem actuado de norte a sul de Portugal continental. Em Dezembro de 1974 deslocou-se a Paris para participar na I Semana do Emigrante, em Abril de 1979 foi a Luanda para as comemorações do 25 de Abril, em Abril de 1998 a Bruxelas para um concerto no Parlamento Europeu, em Junho de 2003 aos Açores – St<sup>a</sup>. Cruz da Graciosa, a convite da Academia Musical local em Junho de 2006 novamente a Bruxelas para um concerto no Parlamento Europeu e a Paris, para um concerto no Institute Universitaire de Bobigny..

Tem constituído o repertório do Coro, durante os 61 anos da sua existência e as mais de 700 vezes em que se apresentou em público (dados coligidos apenas a partir da época de 1955/56), perto de 240 canções, da autoria de Lopes-Graça ou por si harmonizadas, metade das quais (120) foram registadas em 14 discos.

Cerca de 400 coralistas passaram já pelo Coro.

Fernando Lopes-Graça faleceu em 27 de Novembro de 1994 e, por decisão unânime da Assembleia Geral da Academia de Amadores de Música reunida em 14 de Dezembro do mesmo ano, o coro passou a designar-se “Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Musica”.

## MAESTRO JOSÉ ROBERT

Desde muito cedo a actividade musical de José Robert incidiu no estudo e prática da música coral, pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, fez parte activa e regular de vários agrupamentos corais, infantis e juvenis, com especial incidência na polifonia.

Após ter concluído o Curso de Canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o Dr. Manuel Luis, praticou Direcção Coral e Música de Câmara com Viçoso Freire, dirigindo a Schola Cantorum do Seminário Maior Patriarcal dos Olivais durante vários anos.

Foi co-fundador do Coro da Fundação Gulbenkian, onde permaneceu cerca de oito anos. Posteriormente, depois de dirigir o Orfeão Scalabitano, hoje Coro do Círculo Cultural Scalabitano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidellius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também, desde 1974 como adjunto de Fernando Lopes-Graça, e a partir de 1988 como titular, o Coro da Academia de Amadores de Música, presentemente designado Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música.

Frequentou diversos cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral no País e no Estrangeiro. Nomeadamente trabalhou com Pierre Kaelin, Heinz Henning, Arnaudaf, da Bulgária, Herbert Joris e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para Directores de Coros Mistos, sob a orientação de Gertrichmuth, de Leipzig.

Desde 1979, e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de directores corais, orientando, a convite da Secretaria de Estado da Cultura e de outros organismos oficiais e particulares, como a Escola Superior de Música de Lisboa e Academias de Música, diversos cursos e workshops de direcção coral em várias zonas do país. Com alguma frequência tem sido convidado para membro de Júri de diversos concursos de composição coral e, também, para a direcção de ateliers corais em workshops especializados. Diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte, do Conservatório Nacional de Lisboa, é, desde 1981, o Director Artístico do Coro da Universidade de Lisboa. Desde Outubro de 1991 desempenha o cargo de professor de Direcção Coral na Academia de Amadores de Música de Lisboa e, a partir de Março de 1997, data da sua fundação, dirige o Coro de Câmara da Universidade de Lisboa.

Na impossibilidade de publicamente fazer ouvir as "Canções Heróicas" logo em 1946, surgem como resposta os cantos tradicionais do povo português harmonizados por Lopes-Graça que a este respeito escreveu:

" A história das "Canções Regionais Portuguesas" pode, em certa medida, considerar-se solidária da história das "Canções Heróicas".

É o caso que, quando em 1946 foram apreendidas, para que o agrupamento coral já então formado e actuante pudesse prosseguir o seu voluntário apostolado cívico, de par com uma prestante assistência de ordem cultural junto das colectividades populares que constantemente solicitavam a sua cooperação, necessário era, de toda a evidência, mudar de tática.

Mudar de tática significava que arranjasse um reportório de cantos que promanasse de uma realidade colectiva, de algo em que o povo se reconhecesse e mediante o qual se exaltasse nos sentimentos e nas suas aspirações a um viver pátrio íntegro e limpo de aviltações. Essa realidade colectiva, essa matéria identificadora, era, entendemos nós que era, a canção tradicional portuguesa, oferecida, não na sua natureza de puro documento folclórico – o que seria uma solução simplista e de menor operância pedagógica pois que também estava na nossa mente uma accção educadora -, mas sim transformada e aprofundada na sua significação e na sua essência estética e social. E assim nasceram as versões corais das canções regionais portuguesas que, durante cerca de trinta anos, constituíram o forçado mas não menos actuante sucedâneo das quase à nascença assassinadas "canções heróicas", no seu confluyente propósito de servirem a grei portuguesa, para sua exaltação e ilustração".

O Coro tem actuado de norte a sul de Portugal continental. Em Dezembro de 1974 deslocou-se a Paris para participar na I Semana do Emigrante, em Abril de 1979 foi a Luanda para as comemorações do 25 de Abril, em Abril de 1998 a Bruxelas para um concerto no Parlamento Europeu, em Junho de 2003 aos Açores – St<sup>a</sup>. Cruz da Graciosa, a convite da Academia Musical locale em Junho de 2006 novamente a Bruxelas para um concerto no Parlamento Europeu e a Paris, para um concerto no Institute Universitaire de Bobigny..

Tem constituído o reportório do Coro, durante os 61 anos da sua existência e as mais de 700 vezes em que se apresentou em público (dados coligidos apenas a partir da época de 1955/56), perto de 240 canções, da autoria de Lopes-Graça ou por si harmonizadas, metade das quais (120) foram registadas em 14 discos.

Cerca de 400 coralistas passaram já pelo Coro.

Fernando Lopes-Graça faleceu em 27 de Novembro de 1994 e, por decisão unânime da Assembleia Geral da Academia de Amadores de Música reunida em 14 de Dezembro do mesmo ano, o coro passou a designar-se "Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Musica".

## MAESTRO JOSÉ ROBERT

Desde muito cedo a actividade musical de José Robert incidiu no estudo e prática da música coral, pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, fez parte activa e regular de vários agrupamentos corais, infantis e juvenis, com especial incidência na polifonia.

Após ter concluído o Curso de Canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o Dr. Manuel Luis, praticou Direcção Coral e Música de Câmara com Viçoso Freire, dirigindo a Schola Cantorum do Seminário Maior Patriarcal dos Olivais durante vários anos.

Foi co-fundador do Coro da Fundação Gulbenkian, onde permaneceu cerca de oito anos. Posteriormente, depois de dirigir o Orfeão Scalabitano, hoje Coro do Círculo Cultural Scalabitano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidellius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também, desde 1974 como adjunto de Fernando Lopes-Graça, e a partir de 1988 como titular, o Coro da Academia de Amadores de Música, presentemente designado Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música.

Frequentou diversos cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral no País e no Estrangeiro. Nomeadamente trabalhou com Pierre Kaelin, Heinz Henning, Arnaudaf, da Bulgária, Herbert Joris e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para Directores de Coros Mistos, sob a orientação de Gertrichmuth, de Leipzig.

Desde 1979, e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de directores corais, orientando, a convite da Secretaria de Estado da Cultura e de outros organismos oficiais e particulares, como a Escola Superior de Música de Lisboa e Academias de Música, diversos cursos e workshops de direcção coral em várias zonas do país. Com alguma frequência tem sido convidado para membro de Júri de diversos concursos de composição coral e, também, para a direcção de ateliers corais em workshops especializados. Diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte, do Conservatório Nacional de Lisboa, é, desde 1981, o Director Artístico do Coro da Universidade de Lisboa. Desde Outubro de 1991 desempenha o cargo de professor de Direcção Coral na Academia de Amadores de Música de Lisboa e, a partir de Março de 1997, data da sua fundação, dirige o Coro de Câmara da Universidade de Lisboa.